

# IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E PERTENCIMENTO AO LOCAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA IV- EJA.

## **BRUNO AROUCHA REGIS**

Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, especialista em educação à distância, [brunoaroucha@homail.com](mailto:brunoaroucha@homail.com);

## **LEILANE BEZERRA DA SILVA**

Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, especialista em docência e performance na educação à distância, mestranda em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, [leilane.le@gmail.com](mailto:leilane.le@gmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

**A** Educação de Jovens e Adultos (EJA) necessita de muita atenção de todos os âmbitos educacionais e os profissionais dessa área precisam alimentar a presença dessa modalidade nas discussões sobre a educação básica brasileira. Desde a sua concepção à sua identidade (DI PIERRO, 2005), a EJA aparece como uma alternativa para que homens e mulheres que, por algum motivo, tiveram que se afastar da escola no período regular sejam alfabetizados, escolarizados e possam alcançar outros níveis de formação. É, portanto, através da educação que se faz a diferença na vida das pessoas, para uma sociedade mais democrática e digna.

As práticas educativas precisam propor uma formação que, a partir dos conteúdos ensinados e das abordagens em sala de aula, colaborem com a construção integral do indivíduo, bem como

[...] coopere para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos. (RODRIGUES, p.243, 2001).

No planejamento das aulas e na execução das regências apresentamos a concepção de sujeito histórico que significa todo aquele que provoca ação e transformação na sociedade. O reconhecimento e pertencimento ao local, numa perspectiva de perceber o mundo sobre diversas óticas, relacionando a nossa realidade cotidiana com a história “permitiu repensar a cidade, sua história, suas possibilidades para recuperar o vivido, as experiências do aluno, por vezes esquecidas ou mesmo desfocadas da história do livro didático”. (CIAMPI, p.14, 2004). Ou seja, incentivar os saberes gerados pela reflexão pessoal dos educandos, usando estratégias adequadas para as suas realidades é reconhecer a importância de uma aula dinâmica, que promova a aprendizagem e apropriação do conhecimento pelos estudantes e o entendimento do papel da educação como propulsora da transformação social, a partir de cada sujeito envolvido .

## 2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O ato de planejar não se reduz ao momento da elaboração objetiva dos planos de trabalho, pois é uma atividade de permanente reflexão e ação. As discussões a partir de questões e atividades norteadoras que tenham como objetivo analisar as situações-problema, ou temas geradores como adjetivou Freire (1993), nos provocam a tentarmos produzir estratégias de superação e ampliação da compreensão do que venha a ser a condução do outro no ensino-aprendizagem.

Ao procurarmos evidenciar as discussões sobre identidade, reconhecimento e pertencimento, as nossas regências remetem as discussões sobre como a construção da nossa identidade é um processo permanente que de fato começa quando, como e onde nascemos. Compreender aspectos do bairro e suas interações com as histórias de vida individuais e coletivas como espaço de sociabilidade cotidiana, através de debates enfocando a comunidade e suas lutas, disputas e conquistas dentro de um contexto social e político, possibilita aos educandos reconhecerem a história da cidade em sua complexidade e os reflexos dessa história nas suas próprias vidas.

Para isso, utilizamos estratégias pedagógicas que contemplaram a parte informativa, já que é imprescindível fornecer dados concretos para que os educandos tenham um conhecimento amplo sobre as questões históricas, sobretudo na EJA. Destacaremos as aulas com o tema “Identidade” e “O bairro de Santo Amaro - Linha do tempo”. Essas duas aulas contemplaram a noção sobre o conceito de identidades, numa perspectiva plural, compartilhando ideias e saberes entre estudantes. Consoante Calligaris (2007), “a História nada mais é do que a junção de pequenas outras histórias”.

Outra estratégia metodológica adotada foi a exibição de dois filmes sobre o contexto da cidade do Recife ao final do Século XIX e em meados do Século XX. Além de suscitarem o debate sobre as mudanças e permanências dos elementos históricos na cidade, também contribuiu com o debate sobre o contexto político, social e econômico da cidade na época. Em cada vídeo os educandos puderam relacionar as pautas das lutas de antigamente com as batalhas que são travadas atualmente (moradia, saneamento básico, emprego). A aula foi como um espelho da vida deles.

Ao final das atividades percebemos que, para nós docentes, a escuta sensível promove a compreensão de que existem várias realidades no mundo e, por mais difíceis que sejam, elas forjam as identidades individuais e coletivas. Pois, antes de apreenderem conteúdos escolares

básicos, eles precisam compreender a própria presença no local onde estão inseridos.

Existem várias histórias, pessoas com necessidades e vontades diversas. Aprendemos que há muitas realidades e cada uma é única. Novas questões sempre estarão surgindo, desde a pensarmos em novas estratégias de ensino, quanto a percepção do que, de fato, precisa ter na educação de jovens e adultos. Pois não são apenas os aspectos cognitivos que precisam de atenção.

Cada momento na EJA é único e rico em experiências profissionais e pessoais. Tudo isso nos provoca a pensarmos questões sobre a formação do professor para a educação básica, principalmente sobre aquele que deseja atuar nas salas de EJA. Será que a burocratização das instituições e as amarras curriculares, a distância entre os nossos ideais, a realidade e as necessidades nos fazem esquecer do que somos constituídos?

Para a Educação de Jovens e Adultos é necessária uma metodologia específica, que não infantilize os educandos, nem substima os potenciais e saberes prévios que possuem. Estabelecer objetivos curriculares e aprovar legislações sem antes conhecermos quem são os que estão fazendo e cursando a EJA, não é suficiente. A Educação de Jovens e Adultos não pode ser compreendida como um ensino regular adaptado, mas sim como uma modalidade exclusiva.

## RESULTADOS

Entendendo o que está por trás da dinâmica social dos alunos da EJA, para as aulas, utilizamos uma linguagem que faz parte do contexto em que estão inseridos, preocupando-nos com suas especificidades culturais. Para isso, há uma intenção nas relações, para que os educandos se sintam confortáveis em estarem na escola. Nisso está a importância de nos mostrarmos disponíveis para trabalharmos com cada tipo de vida inserida na sala de aula, procurando uma boa interação com os alunos, adaptando meios que ajudem no desenvolvimento dos educandos.

A EJA não é “virtual” e muito menos um mero projeto, mas sim um choque de uma realidade impossível de ser encaixotada nas teorias com fim em si mesmas. Cada aluno é fruto de um conflito cultural diverso e profundo. As sequelas sociais são quase crônicas. Como, então, deslocar as teorias acadêmicas da dimensão dos eternos prognósticos, para a dimensão do “agora”? E mais: como a mesma escola, que de alguma forma participou da exclusão do jovem e adulto no período regular, poderá recebê-lo de volta, agora em um estado talvez muito mais complexo do que

antes? Qual seria uma solução para melhorar a qualidade desta modalidade de ensino? É preciso saber o que o aluno está querendo naquele momento em que está ali frequentando a escola. Ou seja, antes de pensar no futuro institucional da EJA e na expectativa social dos alunos, além da luta pela reforma da estrutura física e curricular – que é fundamental – há um sujeito inserido em uma rotina social que exige dele a noção das diferentes linguagens, para interação e produção da sua sobrevivência, o que não pode ficar para depois em nome de um currículo sem propositividade.

Portanto, entendemos que é imprescindível, além de políticas públicas que atuem diretamente na EJA com comprometimento ético e social, professores responsáveis por uma educação crítica, propondo a superação de antigos paradigmas excludentes. Socializar os conhecimentos produzidos dentro das universidades e incentivar os alunos das diversas licenciaturas a irem de encontro a essa modalidade de ensino é uma experiência que possibilita uma aprendizagem mútua entre todos os envolvidos. É viver a profissão para além das hipóteses acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo. **As nossas histórias e “A História”** In Folha de São Paulo 2 de agosto de 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0208200722.htm>. Acesso em: 20 set, 2021.

CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In.: MONTEIRO, Ana Maria e outros(Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MauadX/FAPERJ, 2007.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, out. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mbngdHjKWYGVX96G7BWNrg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 set, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1993.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação e Sociedade**. vol.22 no.76 Campinas Oct. 2001 pp. 232- 257. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/MpfHNQQRp5c4LBvN4pgPpwJ/?lang=pt>. Acesso em: 20 set, 2021.